



APORTES CRÍTICOS PARA A LEITURA DA NARRATIVA DE LUIZ RUFFATO

ORO, Vanessa Martinelli¹; CUNHA, João Manuel dos Santos².

¹Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel; integrante do Grupo de Pesquisa “Estudos de intertextualidade: códigos estéticos e culturais; sistemas literários”, coordenado pelo Prof. Dr. João Manuel dos Santos Cunha; vanessamartinellioro@yahoo.com.br

²Doutor em Letras; professor de Literatura na Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, UFPel; profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Segundo a crítica literária de uma maneira geral, e especificamente para os investigadores acadêmicos, a obra de Luiz Ruffato é absolutamente comprometida com a realidade social do país. Revisão bibliográfica da fortuna crítica dos textos vindos à luz até os dias atuais demonstra que tal assertiva, consideradas as variantes metodológicas, encontra unanimidade entre os leitores especializados na obra do autor paulista. Tal como afirma o escritor Antônio Torres (2000), sobre o livro de contos (*Os sobreviventes*), vencedor do prêmio Casa de las Américas 2001, “tudo é tão real que nem parece literatura. Mas é. E de qualidade.”. Já para MEDEIROS (2007), apontando também para a natureza metalingüística do texto de Ruffato, o autor é “extremamente provocativo nas letras brasileiras. Desconstrutor e crítico, ele suscita questões que nos levam a refletir sobre o hoje, o homem e o fazer literário” (p. 12).

Vinculada ao projeto “Literatura Brasileira Contemporânea: fluxos e influxos transtextuais”, esta investigação, em fase inicial, no âmbito da linha de pesquisa “Estudos de intertextualidade”, tem como objetivo levantar a repercussão da obra de Ruffato entre a crítica literária brasileira. Partindo da hipótese de que literatura não é *conseqüência* do social mas que se constrói *no* social, o projeto visa a averiguar, na continuidade, de forma específica, a localização dos textos de ficção produzidos por Ruffato no amplo espaço da literatura brasileira da atualidade, bem como analisá-los sob o ponto de vista de sua inclusão em um possível e contemporâneo cânone literário brasileiro, consideradas aí as linhas da tradição literária ocidental em que eles se inserem.

2. METODOLOGIA

Nessa etapa da investigação, a da leitura crítica da bibliografia que compõe atualmente a fortuna da obra de Ruffato, buscou-se aplicar os métodos comparativos para leitura de textos literários, embasados nas teorias da intertextualidade, levando em consideração que nenhum texto é original, encerrado

nele mesmo, mas que pertence a um sistema literário, ou, segundo Itamar Even Zohar (1970), a um polissistema literário, de tal forma que a realização de uma determinada obra só é possível porque outras a precederam. Dessa forma, todo texto literário faz parte de um todo maior (repertório) com o qual intertextualiza constantemente. Ainda foram levados em conta conceitos e princípios gerais da crítica e da teoria da literatura, para avaliar a qualidade e o alcance da literatura crítica sobre a obra do escritor.

3. DISCUSSÃO

Segundo Marco Aurélio Pinheiro de Medeiros (2007),

De todas as manifestações humanas, talvez seja a arte a mais reveladora. Simbólica por natureza, ela expõe nossas concepções mais interiores e, mesmo sem ser esse seu objetivo, fornece “retratos” dos homens e de seu tempo. (...) A literatura é uma das artes mais pertinentes quando falamos de visão do homem sobre si próprio (p.12).

Tal como Antonio Candido se questiona, entretanto, em *Literatura e Sociedade*, “em que medida a arte é expressão da sociedade? E qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (1965, p.23). Segundo ele, ainda,

a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (p.25).

Sendo assim, “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (p.45), pelo qual autor, obra e público se relacionam constantemente, sendo que um depende do outro para se realizar e, além disso, um cria expectativas em relação ao outro: o autor espera ganhar certo prestígio junto ao leitor, e este espera que ele “lhe mostre determinado aspecto da realidade” (p.55). É preciso ressaltar que se está falando aí de leitores comprometidos em ampliar seu imaginário, e não daqueles que recorrem à literatura para fugir da realidade, idealizando um mundo que não existe.

Seguindo essa linha de raciocínio, é pertinente lembrar o que diz Walter Benjamin (apud VIDAL, 1987), no ensaio “*O autor como produtor*”. Nesse texto, o filósofo alemão desenvolveu uma reflexão sobre literatura engajada que antecipa os problemas apontados pelos críticos brasileiros. BENJAMIN buscava uma solução para o problema de como unir na obra o que ele chama de tendência política e tendência literária. Ele defende uma subordinação do político ao literário como único modo de produzir efeito no leitor, abalando suas convicções e impedindo que a obra seja apenas um meio de entretenimento.

Segundo a avaliação da crítica, parece ser esse o caminho trilhado por Luiz Ruffato, o qual, segundo Karl Erik Schollhammer, apresenta “duas ambições aparentemente contraditórias”: “escrever um romance comprometido com a atual realidade social do país, ou seja, dar continuidade à tradição realista, porém em uma linguagem adequada à contemporaneidade, fugindo dos formatos tradicionais das narrativas do século XIX” (SCHOLLHAMMER, 2007, p. 68). Ou seja, aponta-se para uma possível filiação à tradição realista, no que ela estratifica de “leitura do real social”, mas buscando novos caminhos formais para dar conta do estamento brasileiro atual.

Assim, a crítica, ao mesmo tempo em que reconhece que Ruffato põe a nu a condição humana e o trágico cotidiano das cidades e suas margens, sem fazer

concessões formais, avalia que suas histórias chocam num primeiro momento para depois conquistar leitores que não se rendem a uma literatura de fatura simples e mercadológica. Nessa direção, sua literatura trataria, de acordo com a jornalista Clara Arreguy, de uma realidade em transformação: a da pobreza nas periferias urbanas, tragicamente atingidas pelas mudanças sociais correntes no país. (ARREGUY, 2000). Considerando esse enfoque, é possível concluir, no entanto, que o autor “retrataria” a sociedade “não em cima mas sim em baixo, ou no nível dos dramas do homem comum” (VIEIRA, 2007, p. 120). O crítico avalia ainda que a obra de Luiz Ruffato “apresenta em geral uma visão up-close e não um panorama distante, a não ser se considerarmos a acumulação rápida dos episódios como um mini-panorama da realidade urbana” (p. 122). Ou seja, por esse viés, seria pela ficcionalização dos indivíduos que a literatura ruffatiana se constituiria como uma construção do locus e da temporalidade brasileiras como um todo, partindo do homem para o humano, ou seja, ainda, do local para o universal.

Efetivamente, CERTEAU ([1993], apud VIEIRA, 2007, p. 120) delinea as desvantagens do olhar panorâmico ou aéreo enquanto valoriza a visibilidade do olhar do andador *terre-à-terre*, aqui visto como o leitor/*flâneur* pós-moderno. Este andador percorre espaços que não podem ser vistos na sua totalidade, quer dizer, ele escreve a cidade sem poder lê-la na sua vastidão. É preciso considerar, porém, que o leitor possui a dupla vantagem de perceber o individual e simultaneamente uma espécie de panorâmica ampla sobre o real, por meio da multiplicidade cumulativa dos fragmentos. Considerando-se essa direção de leitura, poder-se-ia investir em considerar a obra de Ruffato, como o resultado de um olhar comprometido com o homem, naturalmente inserido no social, o qual reforçaria ainda mais, segundo VIEIRA, “a disparidade entre os necessitados e os ricos porque eles ocupam espaços bem diferentes, ilustrando que observar é somente o primeiro passo, pois é preciso agir para melhorar a situação”. (2007, p.121).

Conforme Nelson H. Vieira, a obra de Ruffato impele o leitor “a sentir compulsivamente as multidimensionadas existências ignoradas e esquecidas pela multidão e obviamente pelos donos de poder, sobretudo em um sistema capitalista” (2007, p. 120). Ainda segundo ele, os episódios narrados pelo autor

representam uma tentativa de dar voz a seres que não têm acesso à representação sociopolítica e sofrem por causa do seu isolamento ou sua marginalização social e pessoal. (...) Como os sistemas urbano, social, político e econômico falharam em fornecer espaços e recursos básicos para estes necessitados, talvez um dos primeiros passos no caminho para entender este problema massivo é por meio da expressão da arte e da cultura (p.128).

Como se vê, pela síntese da revisão bibliográfica feita até este estágio da investigação, a crítica, de uma forma geral, tem reconhecido na obra de Luiz Ruffato a realização de um projeto literário que, ainda que se articule na tradição realista, busca problematizar a forma e a direção do olhar narrativo para dar conta do homem em sua escala individual, mas inserido no amplo espectro da humanidade.

4. CONCLUSÃO

Ultrapassada a meta que previa a revisão bibliográfica de textos críticos sobre a obra de Ruffato, fica evidente a natureza e a inserção teórica que tal crítica vem estabelecendo para a leitura dessas narrativas: a de uma literatura que não só se conforma em cumprir a função de entreter os leitores, mas também visa a situá-los

no contexto histórico em que vivem, ao possibilitar-lhes uma visão do homem enquanto ser social, provocando, por meio dessa inserção, o exercício de uma leitura crítica da sociedade com o objetivo de problematizar a própria condição do homem humano. Inserida numa literatura ainda periférica aos cânones europeus realistas, como a brasileira, a prática de Ruffato buscaria, justamente, encontrar uma saída para a onda neo-realista-naturalista ou nacionalista que, de certa forma, tem aportado às letras brasileiras contemporâneas. Essa é a hipótese que prevalece.

Vencida, então, essa etapa, bem como a que previa a leitura anotada de toda a obra de ficção de Luiz Ruffato, o projeto se encaminha agora para a leitura crítica, sistemática e metodológica dos textos literários, construída que está a vertente teórico-crítica que instrumentalizará a análise desses textos, tal como prevê o projeto de pesquisa em andamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. The Function of the Literary Polysystem in the History of Literature. In: **Communication**: Symposium on the Theory of Literary History, Tel-Aviv, 1970.
- MEDEIROS, Marco Aurélio Pinheiro de. **O labirinto dos eus cambiantes**: a questão da identidade em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. 2007. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.
- RUFFATO, Luiz. **As máscaras singulares**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- _____. **eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- _____. **Histórias de remorsos e rancores**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- _____. **Mamma, son tanto felice**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **O mundo inimigo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **(os sobreviventes)**. Comentário crítico de Clara Arreguy. São Paulo: Boitempo, 2000.
- _____. **Vista parcial da noite**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Fragmentos do real e o real do fragmento. In: HARRISON, Marguerite Itamar (Org.). **Uma cidade em camadas**: Ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. São Paulo: Editora Horizonte, 2007. p. 68-76.
- VIDAL, Paloma. **Literatura e ditadura**: alguns recortes. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/3551.HTM?NrOcoSis=6473&CdLinPrg=pt> Acesso em: 21 ago. 2008.
- VIEIRA, Nelson H. O desafio do urbanismo diferencial no romance de Luiz Ruffato: espaço, práxis e vivência social. In: HARRISON, Marguerite Itamar (Org.). **Uma cidade em camadas**: Ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. São Paulo: Editora Horizonte, 2007. p. 119-131.